



III CONGRESSO ESTADUAL DE ASSISTENTES SOCIAIS
Rio de Janeiro - RJ - Brasil

DIÁLOGOS CRÍTICOS E DIALÉTICOS:

Viviane de Souza Barbosa Maia (UFRJ) - vivianesbm@hotmail.com

DIÁLOGOS CRÍTICOS E DIALÉTICOS:

Gramsci, universidade e prisão.

Palavras chave: Prisão; universidade; Gramsci.

Key words: Prison; University; Gramsci.

1. INTRODUÇÃO

A instituição prisão com a lógica positivista de domesticação do sujeito para o seu retorno à sociedade ocasiona o apagamento da identidade e esquecimento da memória construída sócio-historicamente por meio de distintos processos punitivos de massificação da rotina. Com interface nas *Cartas do Cárcere*, livro organizado com as cartas de Gramsci, o artigo tem a proposta de analisar a possibilidade de transformação do cárcere em laboratório de ideias, reflexões e mudanças através da participação em um grupo socioeducativo desenvolvido na Penitenciária Industrial Esmeraldino Bandeira, que se configura como um espaço de luta e resistência no processo de construção da cidadania.

O grupo socioeducativo desenvolvido na Penitenciária Industrial Esmeraldino Bandeira é parte integrante do projeto de extensão *Universidade e Prisão: um diálogo crítico e dialético*, vinculado a Escola de Serviço Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), possuindo articulação com a Secretaria de Estado de Administração Penitenciária (SEAP/RJ). O grupo socioeducativo se configura em um espaço de debate acerca do cotidiano e da construção do indivíduo enquanto ser social e histórico, de modo dialético, por meio de discussões com caráter horizontal.

Assim, adentraremos ao desenvolvimento do trabalho, tendo como norte o que Gramsci destaca na transformação do espaço prisional como um laboratório de idéias, reflexões e mudanças, fator que perpassa o caráter desse projeto desde o reconhecimento do próprio indivíduo e dos outros indivíduos ali presentes enquanto sujeitos sócio-históricos.

2. DESENVOLVIMENTO

O cárcere apresenta um caráter de apagamento do sujeito desde quando codifica os indivíduos que adentram nele, uma tentativa de ocasionar o esquecimento do passado. O grupo retoma a memória em primeira instância a partir do reconhecimento pelo nome. Naquele espaço, todos se chamam pelo nome mesmo que das grades de cada cela e pavilhão para dentro o reconhecimento aconteça por meio de apelidos ou localização no efetivo carcerário. No momento da apresentação escutamos relatos muito parecidos como: *aqui ninguém sabe meu nome, só me conhecem pelo apelido*, (Preso C).

Nesse universo de relações sociais, a comunicação por meio da linguagem assume sua especificidade de diversas maneiras. O cárcere possui uma linguagem peculiar, construída sócio-historicamente dentro dos coletivos. Uma linguagem que expressa traços da totalidade social de uma cultura extramuros, uma miscigenação na linguagem, uma adaptação para

residir em um espaço regrado e normatizado. Gramsci (2005, p.103) ao observar a comunicação dentro do cárcere escreve em uma carta para sua cunhada, *“como o cárcere é uma espécie de ressonância, na qual por fios invisíveis e múltiplos se comunicam com cada cela às notícias que interessam ou podem interessar aos vários detidos...”*. A comunicação é o retrato da resistência de uma cultura massacrada pelos processos que a inibem.

Gramsci apresenta certo cuidado com a família nas diversas cartas que envia para os seus familiares, principalmente para com sua mãe. Assume uma postura constante de “receio” do que sua prisão pode ter lhe causado buscando sempre justificar sua detenção frente aos possíveis “julgamentos” que poderiam ser feitos. Gramsci (2015, p.148):

Querida mamãe,

(...) Compreenda que nada disso tem a menor relação com minha honestidade, minha consciência, minha inocência ou culpa. É um fato que se chama política, com a qual todas estas belíssimas coisas não têm a menor relação. Sabe como se age com as crianças que fazem pipi na cama, não é verdade? Ameaça-se queimá-las com a estopa em chamas na ponta de um forcado. Pois bem: imagine que, na Itália, haja um menino muito grande que ameaça continuamente fazer pipi na cama desta grande mãe geradora de cereais e de heróis; eu e alguns outros somos a estopa (ou o trapo) acesa que se mostra para ameaçar o impertinente e para impedi-lo de manchar os lençóis limpos.

No grupo percebemos um desejo de proteger a família para que ela não se aproxime de nenhuma forma da criminalidade. A Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 prevê que nenhuma pena e punição passará da pessoa do condenado, mas são diversas grades invisíveis que para além de limitar as relações, impõe barreiras regradas e normatizadas não só física e geograficamente para o convívio com a visita dentro do cárcere.

Até hoje é verdade, a família também paga pelo nosso erro. Isso me deixa revoltado porque às vezes nossa família vem de madrugada, dorme ali fora, ate pouco tempo passava pela revista intima uma humilhação. Tudo isso e por causa de uma roupa, às vezes uma blusa, é barrada de entrar aqui. É um esculacho, esse sofrimento é um esculacho (Preso L).

As grades são tantas, diversas que não existem apenas por meio da tranca de privação de liberdade. Ultrapassam no sentido figurado de “tranca da alma” através da impossibilidade de conduzir as relações, o processo de “desconhecimento” e a normatização da rotina regradada são exemplos de que a pena perpassa a totalidade que o sujeito está inserido e de fato reflete em todas as suas relações. As grades invisíveis são reais e aprisionam para além de um corpo, uma história e diversos indivíduos.

Os processos de produção/reprodução material e social que permitem a construção de uma identidade precisam ser respeitados. Todo indivíduo é formado por suas singularidades

dentro das relações sociais e no movimento diário de formação que é capaz de constituir sua subjetividade. Não podemos ignorar a dimensão sócio-histórica dos fenômenos. A identidade não é transitória e fragmentada por barreiras e codificações como impõe a instituição prisão de modo equalizado e padronizado, impossibilitando ao indivíduo perceber tal movimento.

Gramsci (2005, p. 337) destaca numa das cartas um questionamento por mudanças provisórias ligadas a rotina do cárcere: *certamente mudei muito, mas pode ser que se trate de um fenômeno provisório, ligado a vida excepcional do cárcere*. Dentro dos muros do cárcere o relógio sempre passa muito devagar, a mesmidade e a homogeneidade expressam no tempo um caminho traçado sempre para o idêntico e comum no âmbito da massificação da rotina.

Por outro lado, o grupo socioeducativo caracteriza um espaço que o tempo corre por meio das reflexões, não só para a equipe que visita esse universo, mas para todos os participantes que demonstram em suas falas como o relógio é veloz em dia de grupo. Os presos destacam a possibilidade de repensarem e refletirem o cotidiano prisional, seus limites e possibilidades.

Quando soube do grupo, resolvi aparecer mesmo sem senha e me infiltrei no grupo... Desde então não faltei uma atividade. O grupo não pode parar, pois antes dele eu só pensava em coisas ruins, não acreditava que podia sair daqui e ser diferente. Com o grupo comecei a ter esperanças. (Preso O)

Os presos se aproximam das concepções de Gramsci quando descrevem o papel do grupo. Em um lugar regrado, trancado e de altos muros que limitam o convívio na totalidade social, o grupo é um espaço libertário de reafirmação do eu sujeito histórico, onde não há nenhuma liberdade. Mesmo com tantos limites, o compromisso com a emancipação e com um olhar que desenha um novo horizonte sem a classificação e a codificação de sujeitos a margem da sociedade só é possível quando transformamos lugares, improváveis ou não, em laboratórios de ideias.

3. CONCLUSÃO

No âmbito profissional, o trabalho do assistente social pode produzir debate, reflexões e processos de emancipação humana. É preciso compromisso com o projeto profissional, pois, o trabalho do assistente social interfere diretamente na reprodução da força de trabalho, na reprodução material e no processo de reprodução sociopolítica ou ideo-política dos indivíduos sociais. Configurando-se como um profissional que reside no campo de valores, conhecimentos, comportamentos, cultura e no todo, efeito reais de interferências na vida dos sujeitos por meio das políticas sociais.

Assim, o grupo socioeducativo pode ser considerado um laboratório de idéias e reflexões, evidenciando o compromisso ético-político da profissão com valores, que apontem um compromisso com a perspectiva da emancipação humana. *O grupo é um espaço sem muros dentro de tantos muros* (Preso H), disse o monitor para descrever como é a capacidade do grupo de proporcionar algumas horas de aprendizado. O aprendizado é sem trancas, códigos, normas, regras e cadeados, tornando o pensamento livre e a consciência extramuros possível.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. 1988.

BRASIL. **Lei de Execução Penal**. Lei 7.210 de 11 de julho de 1984.

FACEIRA, L. da S. **Por mais longa que seja à noite, o sol volta sempre a brilhar! A memória rompendo o silêncio entre paredes do cárcere**. In: Por que memória social? Revista Morpheus: estudos interdisciplinares em memória social. Rio de Janeiro: Híbrida, 2016.

GOFFMAN, E. **Estigma: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada**. 4^a ed. Rio de Janeiro: LTC, 1963, pp. 11-48.

GOFFMAN, E. **Manicômios Prisões e Conventos**. 2^a ed. São Paulo: Ed. Perspectiva AS, 1987.

GRAMSCI, A. **Cartas do cárcere: 1926-1930 (v.1)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

RUSCHE, G.; KIRCHHEIMER, O. **Punição e estrutura social**. Tradução de Gizlene Neder. 2. ed. Rio de Janeiro: Revan, 2004.